



O ODISSEU

Edição 012
Agosto de 2023

As Representações do cansaço na arte e literatura

Uma reflexão sobre a modernidade, o trabalho, o capitalismo e a necessidade de descansar



O QUE HÁ EM NÓS É SOBRETUDO CANSAÇO

Caio Paiva Ribeiro escreve sobre a origem do cansaço num diálogo com a obra de Álvaro de Campos, Hesíodo e Lacan

O TRABALHO DE SER MULHER

Aline Félix relaciona trabalho e gênero numa reflexão a partir do texto de Conceição Evaristo

KAFKA À BEIRA DA MODERNIDADE

Paulo Zan, autor convidado, escreve sobre os sintomas da modernidade a partir da obra de Franz Kafka



O que há em mim é sobretudo cansaço —
Não disto nem daquilo,
Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
Cansaço.

[...]

Há sem dúvida quem ame o infinito,
Há sem dúvida quem deseje o impossível,
Há sem dúvida quem não queira nada —
Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o
possível,
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se
puder ser,
Ou até se não puder ser...

Álvaro de Campos
"O que há em mim é sobretudo cansaço"
Disponível no Arquivo Pessoa
<http://arquivopessoa.net/>

Sumário

Editorial: Ode ao Cansaço, de Caio Paiva Ribeiro - pag. 2

Música, de Lili Baillargé - pag. 3

Os girassóis de Van Gogh e a incapacidade de contempalação, de Gisele Fernandes - pag. 4

O trabalho de ser mulher, de Aline Félix - pag. 6

Somos tão cansados, de Pedro Henrique Rodrigues - pag. 8

A Sociedade do Cansaço na era da sustentabilidade: da falácia à esperança, de Claudia Castanheira - pag. 10

"Let's get unconscious, honey": Notas sobre o "Livro do Desassossego", "Meu Ano de Descanso e Relaxamento" e remédios para dormir, de Ewerton Ulysses Cardoso - pag. 12



Ilustração de Franz Kafka
Disponível em:
<https://autoresmodernos.files.wordpress.com/2013/06/kafka.jpg>

Campanha de Apoio, Editoria O Odisseu - pag. 15

O que há em nós é sobretudo cansaço, de Caio Paiva Ribeiro - pag. 16

Kafka à beira da modernidade, de Paulo Zan - pag. 20

O lixão da minha rua e o materialismo - pag. 22

Uma Ode ao Ócio, de Raique Lucas de J. Correia - pag. 23

Agradecimentos e Expediente - pag. 25



Editorial

Ode ao Cansaço

Editor e Colunista

Não é para cantar suas delícias ou renegar suas dores que proclamamos o seu nome. Chamá-lo é como admitir a derrota antes mesmo de ter chegado ao fim da luta, é como cessar os passos no meio de uma maratona, é como desistir da cobrança de um pênalti depois de todos os outros jogadores já terem se posicionado. Certamente não se quer mais hoje em dia o ser primeiro a invocá-lo, ainda que sua conjuração evoque um sentido de forte necessidade. Mas... como chegamos até essa condição? Como é que se tornou tão ruim e ao mesmo tempo tão comum ouvir sair, quase em segredo, dos próprios lábios as palavras "estou cansado" — como se essa admissão fosse além da sentença também a condenação?

É então à arte que somos inevitavelmente direcionados e para ela inconscientemente nos arrastamos em busca de respostas e mesmo soluções para as questões mais profundas que surgem em nossa alma. Esta de que aqui falamos — hoje uma das mais urgentes — fizeram-nos selecionar "A Representação do Cansaço na Arte e na Literatura" como a temática condutora desta edição.

O tema foi idealizado com o principal intuito de dialogar diretamente com um dos mais presentes e, ao mesmo tempo, mais patológicos aspectos de nosso mundo contemporâneo: o cansaço. Cada vez mais presente, essa condição de espírito não é mais meramente uma consequência de nossas rotinas atarefadas — ela é, na verdade, um de seus fundamentos: "se não estou cansado é porque não estou fazendo tudo que poderia para realizar meus objetivos". Assim, na distopia não-fictícia apontada por teóricos dos mais diversos campos como Byung-chul Han, Christian Laval, Vladimir Safatle (e muitos outros) em sua crítica ao Neoliberalismo, vivemos sempre sob a égide desse que é o senhor de todas nossas lamúrias e lamentações, cuja expressão na literatura e nas artes, entretanto, dá-se muito antes dele ter se tornado imperativo generalizado para todos: Fernando Pessoa, Jorge Luis Borges e Franz Kafka são apenas alguns dos mestres que, mais recentemente, contemplaram-nos com brilhantes formulações acerca deste tema. Por isso, envisionamos que fossem tratados de autores e artistas que, assim como estes, tenham abordado de forma candente e aguda a temática do cansaço para mostrar quais seus modos de expressão e quais os efeitos deste estado de espírito a nós tão intrínseco — desde o âmbito mais íntimo de nossa psiquê até mesmo o plano das relações sociais.

Cantemos então o cansaço! Pois — seja em clara maledicência, seja em franco elogio — não é mais negligenciável a sua presença nas pressurosas discussões que assolam as esferas pública e privada. Convidamo-los todos, portanto, a acompanhar-nos nessa trilha que percorreremos ad nauseam.

Música

Lili Baillargé - Colunista

“Querido diário, eu me chamo Júlia Manjuba Terra e não acredito no amor. Se eu pudesse escolher, gostaria de me transformar em uma música, porque além de bonita ela desaparece quando alguém desliga o rádio. Eu também poderia ser qualquer pessoa aqui da rua ou da minha escola. Mas acho que prefiro mesmo ser a música, esse negócio de sumir por um tempo deve ser o máximo.”

Trecho do livro "Pequena Coreografia do Adeus", de Aline Bei (Companhia das Letras (2021))

Já faz alguns meses que já não saio da cama às cinco para correr, houve um hiato, sim, houve e consegui sair dela por duas semanas inteiras quase e ver o mundo lá fora. A morte é sempre difícil, às vezes, especialmente difícil quando se mistura com outras coisas. É possível ficar exausta de não trabalhar? Um 'Burnout' do desemprego?

Não é como se eu não exercesse trabalho. Tem o Instagram, a ficção, este texto, tudo isso é trabalho, e tento ao máximo ter uma rotina: tem cronograma, metas, horário

para entrar, para sair, horário de almoço, do cafezinho, (não que muitas empresas façam isso, sou uma chefe gentil), folga. E tudo acontece dentro do meu quarto.

O Ministério diz que burnout é "um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho". Queima. Exterior. E quando a exaustão é por uma responsabilização interior e uma corrida extremamente degradante contra o tempo por sentir que a vida escorre pelos dedos? Uma implosão? As paredes do quarto me sufocando com a monotonia até não restar nada. Queima. Interior. E então esse afundamento em si mesma.

Querida Julia Manjuba Terra, eu me chamo Lili Baillargé e até acredito no amor, mas também quero ser música, sua música, esse negócio de desaparecer, você tem muita razão para uma menina de poucos anos, deve ser mesmo um máximo.



Reprodução da pintura "Sol da Manhã", de Edward Hopper

Os Girassóis, de Van Gogh, e a incapacidade de contemplação

Grazielli Fernandes - Colunista

Eu vivo a sociedade do cansaço. Sou multitarefas, apegada à rotina. Por isso mesmo, minha maior dificuldade é viver o ócio. Logicamente, a escrita deste texto trouxe-me um certo desconforto e uma profunda reflexão do meu eu. Fiquei por muito tempo pensando como abordaria este tema, pois isso seria também uma autocrítica. Fiz duas leituras para me inspirar: O elogio do ócio e outros ensaios, de Robert Louis Stevenson, e A sociedade do cansaço, de Byung-Chul Han.

O primeiro texto da obra de Stevenson, denominado O elogio do ócio, já inicia com uma provocação: aquela pessoa que julga ter o suficiente para sobreviver e, por isso mesmo, deseja apenas descansar e contemplar, é vista praticamente como um ser preguiçoso. É uma ofensa à sociedade, afogada no trabalho.

O autor provoca-nos ao dizer que precisamos viver o ócio, inclusive para sermos mais felizes e sábios. Além disso, não são apenas as pessoas ocupadas que sofrem, mas também aqueles com quem convivem. Para Stevenson, viajamos o mundo, conhecemos pessoas, mas estamos o tempo todo preocupados com nossas próprias questões.

A segunda leitura foi uma obra que estava há tempos na minha estante, aguardando para ser lida, devido às longas jornadas de trabalho e estudo. Em A sociedade do cansaço, Byung-Chul Han argumenta que a sociedade do século XXI é marcada por depressão e síndrome de burnout, resultado do excesso de positividade que enfraquece sentimentos como angústia e luto. O autor destaca que vivemos numa sociedade do desempenho, na qual estamos esgotados, porém incapazes de falhar.

Fiquei por algum tempo pensando sobre isso.

“Não só não podemos falhar, como devemos esconder de todos nossas angústias e frustrações diárias, o que se potencializou com o advento das redes sociais. Os coaches estão aí para nos motivar a seguir em frente a qualquer custo. Não nos permitimos viver emoções “negativas”. A tristeza pode ser facilmente substituída pela roupa nova. A frustração é trocada por um restaurante caro.”

Grazielli Fernandes



Refletindo sobre essas obras, voltei ao tempo, no ano de 2020, na cidade de Londres. Eu estava vivendo em um lugar diferente, com uma cultura diferente, no auge do inverno - sim, anoitecia às três da tarde. Lá deveria ficar por cinco meses. Não nego que tive algumas crises de ansiedade, causadas pela pressão que eu mesma me impunha. Encontrava alívio no contato com a natureza e a arte, ao visitar museus e galerias.

Ao escrever este texto, transporte-me mentalmente à Galeria Nacional de Londres, diante da obra-prima de Van Gogh, Os Girassóis. Chego àquela sala imponente e paro em frente ao quadro, paralisada e emocionada. No entanto, minha contemplação é interrompida pelo excesso de pessoas passando à minha frente, ocupadas com suas filmadoras e celulares, preocupadas em compartilhar suas experiências online. Apesar disso, continuo a observar minuciosamente cada detalhe dessa magnífica obra de arte, tentando imaginar o processo criativo desse fabuloso artista.

Até então, tive a oportunidade de ver um Van Gogh pelos livros de literatura. Impossível não sentir a emoção. É de um amarelo tão lindo e vivo! É vivo, mas representa uma alegoria da vida e da morte, segundo algumas interpretações. Sou interrompida novamente por multidões sedentas por mostrar à sua rede de amigos

que estão lá, "curtindo o ócio". E assim as pessoas seguem, de uma sala à outra da galeria, sem perder tempo. Sem contemplar o belo. Talvez não tenham conseguido perceber os detalhes, as cores e tudo o que representa uma das maiores obras do século XIX.

Byung-Chul Han diz que a contemplação é uma capacidade unicamente humana. Mas a nossa hiperatenção não nos permite ser ocioso. Não podemos perder tempo contemplando a arte, natureza, nascer e pôr-do-sol, momentos belos. E quais seriam as consequências de nossa dificuldade de contemplação, tanto no âmbito cultural quanto social? Certamente, há um impacto direto no desenvolvimento humano e na preservação da cultura.

Estamos perdendo a noção do que é a vida, substituída por hiperatividade e histeria do trabalho e da produção. Eu não quero olhar o mundo pela tela do celular ou por quatro paredes frias. A arte salva. Não tenho foto diante de Os Girassóis. Minhas melhores memórias estão aqui, dentro de mim.





O Trabalho de Ser Mulher

Aline Félix - Editora e Colunista

Ilustração de Cristiane Alvarenga
([abstratas_cristianealvarenga](https://www.instagram.com/abstratas_cristianealvarenga))

A Constituição Federal de 1988 traz no seu texto previsões de descanso para o trabalhador, mas as formas de trabalho já mudaram tanto desde essa época, que essas normas já não alcançam todos os trabalhadores e houve uma classe que na verdade nunca foi contemplada: o trabalho de ser mulher.

Meu texto de hoje é bastante elitista, porque estou considerando mulheres que têm renda e não precisam usá-la apenas para a subsistência, ou seja, estou excluindo uma parcela imensa das mulheres. E vou falar de outro privilégio de poucas, o descanso. Apesar disso, ou também por isso, acho essa reflexão necessária.

O trabalho de ser mulher inclui emprego que gere renda (uma vez que os demais trabalhos não são remunerados e por vezes têm custo alto), cuidar da casa, dos filhos, do marido, dos estudos e procedimentos estéticos. Esses trabalhos não preveem descanso.

Caso a mulher se rebele e descanse, possivelmente será julgada. Talvez o julgamento não venha de outras pessoas, mas a culpa que muitas vezes sente em não estar fazendo nada, sendo que poderia estar usando esse tempo para ...

Vou dar um exemplo prático. Em uma sexta-feira recebi uma mensagem de um centro estético (falei que era elitista) dizendo que tinha uma vaga para sábado de manhã eu

para eu fazer um microagulhamento facial, procedimento estético que consiste em passar no rosto milhares de agulhas presas em um rolinho. Segundo a pessoa que me enviou a mensagem, esse procedimento era importante por conta da minha idade e para tirar o ar de cansaço do rosto.

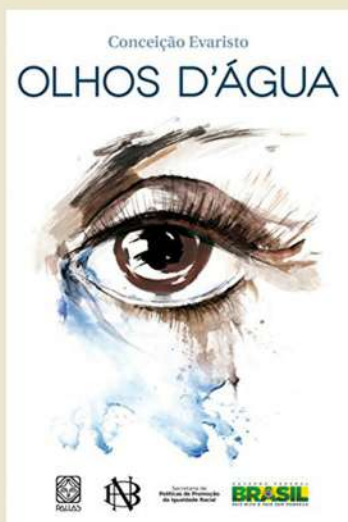
Ou seja, no meu dia de folga eu precisava ocupar o meu tempo com o trabalho de esconder a minha idade e parecer uma pessoa descansada, desconsiderando a forma como eu estava me sentindo, uma vez que se meu aspecto é de alguém cansado, talvez fosse mais justo me oferecer uma massagem relaxante (né?!).

"Digo que esse é um trabalho, porque é uma obrigação. A beleza inalcançável e a juventude eterna são uma exigência social."

Uma vez uma colega de trabalho me disse com ar de repreensão: você nunca faz a unha.

Respondi que, desde a pandemia nunca mais tinha feito mesmo e que tinha percebido o tempo que tinha ganhado com isso. Eram 40 minutos que usava para almoçar (supérfluo não é mesmo).

Mas voltei a trabalhar com público e senti a necessidade de voltar a ir à manicure, porque vi que essa não era uma visão apenas



"Olhos d'Água", de Conceição Evaristo
Pallas Editora
2016

dela. Afinal, mulher que não gasta 40 minutos por semana e R\$ 40 reais para fazer a unha é desleixada (tempo e valores em média).

Tem um conto da Conceição Evaristo, no livro Olhos D'água, cujo o título é O Cooper de Cida, que conta a história de muitas de nós. Mulheres que correm. Corremos de tênis, salto alto, pantufa. Corremos nos parques, nos shoppings, de um cômodo para outro enquanto juntamos peças de roupas para lavar. Tem uma fração desse texto que acho que exemplifica isso:

"A vida seguia no ritmo acelerado de seu desejo. Trabalho, trabalho, trabalho. O dia entupido de obrigações. A noite festejada por encontros de rápidos gozos. Os amores tinham de ser breves. Cursos, estudos somente aqueles que proporcionassem efeitos imediatos. Nada de sala de aula durante anos e anos e de leituras infinitas. — Aprenda inglês em seis meses. Garantimos a sua aprendizagem em cento e oitenta dias. — Nada de gastar o tempo curto e raro. É preciso correr, para chegar antes, conseguir a vaga, o lugar ao sol, pegar a fila pequena no banco, encontrar a lavanderia aberta, testemunhar a metade da missa. O padre era lento e o ritual também. Assistia a metade da liturgia, pelo menos não ficava com o remorso inteiro."

Nessa correria de um trabalho para outro, não percebemos que estamos fazendo parte de uma engrenagem que nos oprime: o capitalismo, o consumismo desenfreado, seja para compensar o cansaço (vou comprar

porque mereço), seja para manter padrões (de beleza e sociais) inatingíveis.

Ailton Krenak falou o seguinte em entrevista para a Carta Capital:

"O mundo está chapado de tanto consumo. Chapou. E está todo mundo empapuçado com o que chamei de "doente". É uma doença que afeta a capacidade interna de cada um de nós de despertar o poder interior. Tem zumbi para todo lado."

Deixamos a espiritualidade de lado, porque ela demanda tempo, e os resultados não são imediatos. Como estamos cansadas, procuramos meios de atender essa demanda de forma mais rápida, mas sem deixar de cumpri-la também. A Cida achou um jeito, metade da missa já eliminava o remorso, prático.

Acho importante o autocuidado, e se ele incluir procedimentos estético, ok, não sou contra eles também, desde que sejam uma opção.

De minha parte aviso: não vou esconder a vírgula que surge entre minhas sobrelhas ou o bigodinho chinês que deixa meu sorriso entre parênteses, nem mesmo disfarçar as ""(aspas) que crescem embaixo dos meus olhos.

Para mim esses sinais são poesia, versos da história que tenho vivido e estão apenas no começo.

Naquele sábado pela manhã, não fui cumprir o trabalho de esconder meu cansaço, simplesmente descansei.

Foto: Kwan Fung
Disponível em unsplash.com



Somos tão cansados

Pedro Henrique Rodrigues -
Colunista e Editor

A viagem durara cerca de quatro horas. Parece que foi uma hora, embora durante o trajeto sempre surgia uma inquietação para chegar logo. Na rodoviária, uma fila considerável para descer do ônibus. Outra fila na escada rolante para acessar o andar superior. Desvios e mais desvios dos transeuntes até a outra escada rolante que leva à catraca com acesso ao metrô. Fila na escada, fila na catraca, fila para entrar no metrô. O metrô está lotado. Durante todo o trajeto, chequei atualizações no celular, enquanto trombava com estranhos e desconsiderava o perigo de ter o equipamento levado. O metrô tem pessoas sentadas e em pé, ocupando todos os espaços possíveis e dificultando a entrada e saída de pessoas. Quase todas elas estão focadas na experiência digital. Logo antes de descer em cada estação, uma voz gravada anuncia o nome e a lateralidade da saída em português, seguida pela descrição em inglês. Após duas paradas, o metrô adentra

o subsolo, deixando para trás a visão de milhares de carros engarrafados, moradores de rua, trabalhadores que caminham aceleradamente e um rio fétido. A cada parada, centenas de rostos desconhecidos saem e outros tantos adentram o metrô. Muitos trabalhadores, estudantes, certos pedintes, outros vários vagando à passeio, profissionais da arte, vendedores ambulantes. Checo o meu celular novamente: três novos e-mails chegam e um é interessante. O interessante era sobre o aceite de um artigo científico. Uma ansiedade para ver a versão final toma conta de mim. Encaminho o e-mail para os colaboradores menos íntimos e rumo a outro aplicativo para dar a notícia para os mais próximos. Envio uma mensagem seguida de várias figurinhas aludindo à festejos.guardo ansiosamente as respostas. Aproveito para checar as outras mensagens e respondê-las uma a uma. Checo os stories e migro para outra rede social. Enquanto isso, me aconchego em outra posição no metrô quando a parada é uma área de troca de linhas metroviárias. Percebo que estou com muita fome. Que diabos de metrô demorado. Um fluxo sem fim de notícias, fofocas, fotos de festas, de viagens e assuntos infinitos inundam a minha tela. Vou até a seção de vídeos e começo a compartilhar os favoritos com amigos próximos. Chego na minha estação para troca de linha. Saio do metrô e

logo em frente entro em outro. Ligeiramente menos lotado, ao ponto de conseguir me sentar. Nem sempre é assim. Depois de quatro paradas, passando por aquelas que levam ao coração financeiro do país, chego na minha parada final, com o metrô quase vazio. Estação Clínicas, onde profissionais de saúde e pacientes desaguam rumo a um dos vários prédios de especialidades médicas. Caminho pelo túnel que leva à superfície, sigo por cerca de 200 metros passando pelo Instituto Médico Legal e chego em casa. Passo por dois portões. Já são quase duas horas da tarde. Peço por outro aplicativo o almoço, que deve chegar em 40 minutos. Aproveito para colocar a roupa para lavar, retirar o lixo, responder novos e-mails, refazer o passeio digital. Ligo o computador e acesso o arquivo do novo artigo que deve ser submetido. Está bonito o artigo. Mais um bebê do conhecimento esperando um parto longo e pernicioso para ver a luz do dia. O almoço chegou. Desço até o térreo, deixo o lixo nos contêineres e pego meu almoço. Subo, ligo a televisão, abro a embalagem com o almoço e me alimento enquanto viajo mais digitalmente, intercalando com o conteúdo da TV. Termino o almoço, volto minhas atenções para o artigo e trabalho na finalização sem deixar de checar as atualizações digitais de tempos em tempos. Banheiro. Água. Noticiário da TV. Telenovela. São sete horas da noite. Hora de se exercitar. São seis minutos até a academia, que está lotada. Deveria ter ido depois das onze horas da noite, mas prometi a mim mesmo dormir mais cedo e regularizar o sono. Eu me sinto cansado e a perna direita dói. Ironicamente, hoje o treino é de pernas. Uma hora e quarenta minutos de treino. Nenhum e-mail interessante. Os colaboradores mais próximos responderam à publicação do artigo com outras figurinhas comemorativas. Qual será o próximo trabalho? - perguntam. O treino é feito com tanto ódio que há poucas lembranças do que aconteceu. Apenas lembro que estou na rua de novo, rumo ao mercado. Folhas verdes, frutas e pão integral. Eu me sinto um ser humano evoluído. Nas ruas, carros, ônibus, motocicletas, bicicletas, humanos e cachorros permeiam todo o espaço, sugerindo que um piscar de olhos algo fatal pode acontecer. Nada acontece, mesmo com grande parte navegando online.

“Somos multitarefas. Nem mesmo as dezenas de moradores de rua exalando podridão e miséria são capazes de impedirem o fluxo inexorável dos paulistanos. Ao chegar em casa, banho, preparar o jantar, acender a roupa no varal e jantar. Tomar o remédio para controle de colesterol, lavar a louça e escovar os dentes. Entre estímulos da televisão e do celular, o sono chega atrasado. Acordo. São oito horas da manhã. É o dia se repetindo. A semana se repetindo. O ano se repetindo. Tudo demora a passar e tudo passa tão rápido.”

Pedro Henrique Rodrigues
Editor e Colunista

Quase nenhuma interação humana real, exceto com vendedores e caixas de supermercado. O concreto barra os raios de sol. Postes fazem a vez de árvores. É um mundo cinza, gelado e digitalizado. Somos tão cansados. Esses dias, o noticiário da TV mostrou o caso de um homem que foi encontrado morto nos trilhos do metrô. Uma multidão se aglomerou ao redor dos pedaços dilacerados com pura curiosidade mórbida. Várias filmagens e fotos eram imediatamente compartilhadas nas redes sociais, juntamente com perfil do falecido que rapidamente era identificado. O momento mais estelar de alguém é quando ele morre no meio da multidão. É quando os outros param e olham o corpo estirado no chão. Alguns reclamam que está atrapalhando, outros tem a diversão de meses, outros confrontam a brevidade e singeleza da vida. Finalmente teve um descanso merecido da vida miserável que tinha, comentaram outros. Enfim, uma estrela finalmente podendo brilhar, mesmo que rapidamente (de)cadente.



Imagem do filme "A Hora da Estrela", de Suzana Amaral (1985), adaptação da obra homônima de Clarice Lispector

A sociedade do cansaço na era da sustentabilidade: da falácia à esperança

Claudia Castanheira - Autora
Convidada

Macabéa morreu exausta. Para não dizer que morreu de exaustão.

Um corpo frágil, cansado, apático, submisso, quase sem conexão com suas próprias emoções. Vazio, insignificante, pobre, marginalizado.

Do não-desejo, um corpo dado em todas as instâncias ao neoliberalismo.

Há clichês que não morrem. E não morrem porque são existidos todos os dias por milhares e milhões e bilhões de pessoas.

Por isso Macabéa ainda brilha em todos: porque sua existência é a mesma dessensação da impossibilidade do corpo contemporâneo.

"Eu também. Eu escrevo esse texto cansada. Exausta.

Sou mulher branca, vinte e nove anos, brasileira-latino-americana-classe-média-no-brasil, talvez-pobre-na-europa nos moldes que o sistema sistematizou pobreza e riqueza."

Claudia Castanheira
Autora Convidada

E você me dá uma resposta motivacional do momento: há saída. O autocuidado.

Ah, o nobre autocuidado que nos sensualiza com a beleza do possível corpo que descansa.

Sim, eu tenho o privilégio da skin care. de não precisar abrir mão do sentir, do direito à reflexão. análise crítica. pilates, yoga.

Deveríamos todos!

Mas essa resposta não tira o cansaço do meu, do seu eixo. E a culpa não é minha!

Eu (pré) conheço meu corpo, minha saúde nos exames da saúde mental e física que meus privilégios mínimos me proporcionam, sou proativa de mim. Mas essa é a nova falácia do corpo neoliberal:

A individualização da culpa do corpo cansado; a nova norma de que, quando você se esgota, sente depressão ou ansiedade, é culpa da sua falta de administração do próprio corpo. Da própria vida. Faltou autocuidado: compre autocuidado.

Não caio nessa.

Meu corpo não é nem meu.

Na relação patriarcal, na acumulação primitiva do capital, no casamento, na constituição da família: eu fui feita para trabalhar, corpo público do machismo, fêmea que procria e serve, mesmo que não.

Historicamente, eu pouco – ou nem – pertencço a mim.

Eu sou um corpo social. Minha genética é ancestral. O sistema é anterior à minha existência.

O (só e individualizado) autocuidado é a meritocracia do corpo cansado. Esse discurso é violento. É desesperador. É falacioso.

Porém, há esperança, pois há vida além do corpo neoliberal.

E aqui, agora, eu vou falar da sustentabilidade.

A sustentabilidade foi cooptada pelo neoliberalismo. Foi cooptada pelo capital.

Mas a sustentabilidade também é a revolução do repouso da mente de quem tem os direitos garantidos.

Você pode me trazer 5 outros conceitos que tiram a gente daqui, porém eu decidi falar que é "Sustentabilidade". Eu não vou propor outra teoria outro conceito aqui agora – mas o debate existe, me escreve um email!

Vamos juntas.

Aqui agora eu tenho apreço por essa palavra “sustentabilidade” porque ela se recusa a sustentar o insustentável. Porque não é sustentável a forma como a gente vive hoje. Porque todo mundo sabe – até o corpo da Macabéa sabe - porque a sabedoria não é só consciência mental -, que está, estava e tem estado errado.

E Sustentabilidade é não precisar se estressar pensando se você vai comer amanhã. Se você será demitido amanhã. Se você vai ter ou não uma casa pra morar pelo resto da sua vida – porque deveria.

A exaustão da insustentabilidade desse sistema é o estado máximo que não nos deixa repousar em paz: o não-direito assegurado nem do mínimo. Comer, respirar ar puro, dormir dignamente, não morrer da injustiça socioeconômica racial. Um corpo em alerta máximo 24h por dia para sobreviver, porque não me parece que tivemos o direito de sair da fase da sobrevivência. Não no Sul Global.

E, na era da pós-sociedade-neoliberal, há o descanso. E o descanso só será possível por meio dos corpos exaustos que caminham juntos em uníssono, rumo à transformação e revolução desse absurdo.

Eu acredito. Eu acredito na sustentabilidade desse pós-sistema.

E a esperança repousa aí.

Porque, para além de corpos colonizados por ideias epistemológicas, ciências, sistemas e estados, eu prefiro acreditar que há esperança, mesmo que seja na morte do meu corpo exausto de tentar, um dia, sustentar a vida sem cansaço.



@iamclaudiacastanheira

Conheça a autora convidada!

Claudia Castanheira é Mestra em Discurso com foco em Sustentabilidade (USP), graduada em Letras - Português e Francês (USP) e, atualmente, é estudante de Relações Internacionais.

Trabalha com Sustentabilidade há mais de 5 anos, tanto na produção de conteúdo, de eventos e consultorias de Moda e Sustentabilidade, quanto na promoção de uma Educação para a Sustentabilidade. Também desenvolve pesquisas na área de Discurso e Justiça Socioambiental e Climática, a partir de uma perspectiva Ecofeminista.

É colaboradora do Instituto Fashion Revolution Bélgica e Brasil e Fundadora do Brechós pelo Mundo, plataforma que apresenta o comércio de Segunda Mão ao redor do planeta por meio de um ponto de vista crítico e político.

“Let's get unconscious, honey”: Notas sobre o “Livro do Desassossego”, “Meu Ano de Descanso e Relaxamento” e remédios para dormir

Ewerton Ulysses Cardoso
Editor e Colunista

Eu passei um ano inteiro tomando remédios para conseguir dormir. Foi o ano de 2020, no auge da pandemia da Covid-19 (acho que não fui o único a passar por isso). O engraçado é que antes mesmo da pandemia eu já me encontrava num estado complexo de insônia. Dormia três, no máximo quatro horas

de sono todas as noites e então acordava sem nenhum sono. Foram meses assim (no ano de 2019). Eu senti que aos poucos eu comecei a me transformar em um fantasma. Tudo assumia uma cor pálida e eu estava sempre com dores de cabeça e no corpo. Não havia nada que eu pudesse fazer para dormir realmente. Eu, aparentemente, achava aquilo normal.

Em junho de 2020, entretanto, tive uma crise (a famosa burnout) que veio junto a um quadro



Cena do vídeo “Bedtime Stories”, de Madonna (1995)

dissociativo, depressão e ansiedade. Não teve jeito: fui ao psiquiatra. A primeira vez que a doutora me receitou um remédio para dormir (o Prisma, ou eszopiclona), fiquei surpreso. Mesmo dormindo pouquíssimo por dia, não me via no quadro de insônia. Na primeira noite que tive que tomar o remédio, fiquei com medo de tomá-lo e não acordar ou de entrar num estado de sono tão intenso quanto um coma e demorasse muito tempo para acordar. Ainda assim, tomei.

Ao acordar da primeira noite de sono completa depois de um ano sem dormir direito, senti uma felicidade inexplicável. É impressionante o quanto o sono nos ajuda a pensar melhor e a ausência dele nos impede o raciocínio claro. O sono é, para mim, uma das experiências mais completas da vida. E aqui

não falo apenas do momento em que estamos no inconsciente, mas nos próprios minutos que antecedem o sono, esse momento mágico em que nossa mente começa a se desprender do externo e entra num lugar psíquico-existencial difícil de mapear. Estamos inteiramente lúcidos e inteiramente loucos ao mesmo tempo. É nesse momento, precisamente, que nos tornamos o que somos.

Não por acaso, Bernardo Soares (heterônimo de Fernando Pessoa que assina o “Livro do Desassossego”) se revelava ao poeta nos momentos de sonolência e, não por acaso, o próprio Pessoa o considerava um semi-heterônimo: o mais perto daquilo que ele realmente era, o mais autêntico de todas as suas demais personas. Em carta a Adolfo Casais Monteiro, em 1935, Pessoa escreve:

O meu semi-heterônimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos,

aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade. (PESSOA, Fernando, 2019, p. 359 - Edição Príncipes).

Se desarmar de sua racionalidade era o que Pessoa precisava para encontrar Bernardo Soares, o que de certa forma podemos relacionar com a necessidade de “desligar” a instância psíquica “superego” para dar vazão ao “id” e principalmente ao “inconsciente” na terapia psicanalítica.

Eu notei isso muito facilmente, o que talvez se deva ao fato de que comecei a ler pela



"Meu ano de Descanso e Relaxamento", de Otessa Moshfegh
Tradução de Juliana Cunha (TODAVIA, 2019)

primeira vez o "Livro do Desassossego" em 2020 durante minhas primeiras experiências com os remédios para dormir. Eu buscava a sonolência mais que qualquer outra coisa, pois entendia que era nela que eu me permitia ser, livre de amarras. E depois, sono recuperado e livre de cansaço, eu me sentia preparado para enfrentar o mundo.

Por isso, me identifico muito com a personagem sem nome que protagoniza o romance de Otessa Moshfegh "Meu Ano de Descanso e Relaxamento" (Todavia, 2018). Na ficção, uma jovem recém-formada da universidade, que sofre de problemas de identidade, claramente assolada por um sentimento de vazio advindo da depressão e com uma intensa vontade de fugir da aceleração do mundo moderno, decide passar um ano hibernando em seu apartamento com a ajuda de remédios para dormir. A ideia da personagem era acordar renovada após um período de descanso completo, de fuga dos dilemas e conflitos, para morrer e renascer outra pessoa. Para isso, ela conta com a ajuda da psiquiatra mais pilantra de toda a literatura, que a receita remédios a torto e à direita (alguns muito suspeitos e ainda em fase de teste), o que ajuda a personagem a cumprir a sua vontade.

No livro de Moshfegh, a personagem encontra essa saída muito a partir da sua própria relação com o sono (sentimento, sonolência) e a necessidade de encontrar-se consigo mesma na plenitude do inconsciente:

Essa era a beleza do sono — a realidade parecia ter se descolado e surgia na minha mente de modo não fortuito quanto um filme ou um sonho. (MOSHFEGH, Otessa, 2018, p. 11).

No trabalho, no intervalo para o almoço, eu tirava uma soneca de uma hora dentro do armário de suprimentos que ficava debaixo da escada "Tirar uma soneca" é um termo muito bem infantil, mas era exatamente o que eu fazia. A matiz de cores do meu sono noturno era mais variável, geralmente imprevisível, mas bastava me escorar naquela despensa para ser imediatamente transportada ao vazio negro, a um infinito repleto de coisa alguma. Naquela despensa, eu não me sentia assustada ou exultante. Não tinha visões. Não tinha ideias. Se por acaso me surgisse um pensamento mais nítido, eu o escutaria e seu som ecoaria e ecoaria até ser absorvido pela escuridão e desaparecer por completo. (MOSHFEGH, Otessa, 2018, p. 40)

Eu a entendo.

Talvez uma das coisas que mais gerou preconceitos foi o fato de eu usar remédios para dormir por um bom tempo. Sempre que eu mencionava isso, era reprimido por um olhar de julgamento ou até mesmo o próprio julgamento verbalizado.

"Nós ainda reproduzimos a ideia de que usar medicamentos para descansar e relaxar é coisa de gente fraca, que não buscou as alternativas corretas, que não praticou exercício físico o suficiente, acorda tarde e come muito açúcar."

Ewerton Ulysses Cardoso
Editor da Revista O Odisseu

Bem, não era. Eu fazia musculação na época, mas ainda assim não conseguia dormir. Tentava resistir aos cochilos vespertinos e também equilibrava a alimentação. Nada me ajudava a dormir.

A terapia medicamentosa foi uma salvação naquele momento (Deus abençoe os farmacêuticos!) e não me permito mais ser julgado por isso. Claro que, assim como no caso da personagem de Moshfegh, esses medicamentos não são, exatamente, a solução a longo prazo. Na trama, a personagem tem uma meta pontual: usar os remédios de forma contínua por um ano, um após o outro e não apenas durante a noite, para depois renascer

outra pessoa. Eu, semelhantemente, tinha muita consciência de que eu não deveria usar os medicamentos para sempre. Mas, naquele momento, eu precisava.

Além disso, claro que esses medicamentos também trouxeram efeitos colaterais pertinentes. Cheguei a ter momentos de sonambulismo, picos de ansiedade durante a noite e, principalmente, dificuldade para dormir sem os remédios. Mas não os excluiria de minha história. Não sou alguém que, após superar a droga, faz o discurso de "Madalena Arrependida" (como dizia Rita Lee sobre o uso de drogas). Eu as usaria novamente se fosse necessário, mas torço e trabalho para que não seja.

O fato é que somos muito hipócritas no geral. Os dados mostram o absurdo do crescimento do uso de remédios para dormir, o que é clara consequência da necessidade de dormir e descansar em nossos tempos. Todos nós buscamos a sonolência, o inconsciente, quase que num impulso evolucionário, como se nossa espécie precisasse (e precisa) disso. O que se prega hoje em dia é que você precisa produzir, produzir, produzir, estar preocupado com todas as coisas, ser e estar excelente para cumprir com a agenda capitalista de estudo e trabalho, mas sem, nem por um momento, demonstrar fraqueza e dizer: "eu preciso descansar" ou "eu estou doente". Ora, veja! Não deveria nos surpreender que o capitalismo nos deixa adoecidos.

Porém, afirma-se que você precisa estar saudável ou ao menos aparentemente saudável. O seu corpo precisa estar na medida certa (mesmo que isso não seja um indicativo de saúde), sem olheiras (a maquiagem vai te ajudar nisso) e entregando resultados. Tanto é que a psiquiatria moderna se organiza em torno disto. A psiquiatra na história de Moshfegh busca sempre relacionar o avanço da paciente com o seu ritmo de produção e eu fui liberado das consultas psiquiátricas assim que tive condições de voltar a trabalhar. Mas, oi? Conseguir trabalhar significa que eu estou bem? Não mesmo! O capital nos adoce sem permitir que descansemos um segundo apenas.

Então, por que não admitir que nós estamos doentes ou que precisamos de alternativas? A história de Moshfegh de fato é brutal e visceral. Assusta perceber como a personagem está nessa busca frenética por medicamentos de forma compulsiva para apenas fugir do seu consciente, fugir dos problemas. De fato, não é uma solução a longo

prazo, tampouco a solução aconselhável (nesse ponto a personagem embarca numa aventura louca de obsessão ao acreditar que o remédio é a solução final). No entanto, eu te pergunto: Você poderia julgá-la? Você poderia dizer que não faria o mesmo? Eu não conseguiria.

No fundo, todos nós estamos buscando o contato com o inconsciente que Pessoa encontrou. Todos nós estamos buscando o nosso Bernardo Soares. Se você também está, aqui vai uma dica: "ele não está na vigília". Como já dizia Björk na sensacional música "Bedtime Stories", gravada por Madonna: "Let's get unconscious, honey" ("vamos ficar inconscientes, querido"). Eu sinto que esse é o momento em que nós, enquanto sociedade, devemos olhar para o sono como um objeto precioso e esquecer essa balela de "trabalhe enquanto eles dormem". Durma, meu amor! Vai te fazer bem!

E não sou eu quem digo isso, apenas. Os próprios neurocientistas já nos alertam sobre a necessidade do sono. Sobre isso, recomendo fortemente os escritos do neurocientista Sidarta Ribeiro, ou até mesmo a entrevista dele ao Roda Viva. Na ocasião, ele defendeu que as aulas dos adolescentes deveriam começar mais tarde justamente pela necessidade que o corpo jovem tem de dormir e de sonhar (aqui o sonho não enquanto meta, mas o sonho mesmo, a manifestação do inconsciente).

Já imaginou que lindo seria a sociedade se todos nós sonhássemos com mais frequência? Infelizmente, os remédios para dormir quase sempre impedem os sonhos de acontecer, o que é o meu adendo à terapia medicamentosa, porém, no geral, eles conseguem ser efetivos muitas vezes. Tem dias que tudo o que você precisa é olhar para a pilha de problemas e dizer: "vou dormir".

Que tal um cochilinho agora?

Você Sabia?

A Revista O Odisseu é um projeto 100% independente e feito com a ajuda de diversos voluntários que amam a literatura! O nosso sonho é justamente democratizar um conteúdo crítico e progressista sobre a literatura na internet. Por isso, distribuimos nossos exemplares de forma gratuita.

Você pode sonhar este sonho com a gente! Para isso, há três maneiras de nos ajudar:

Compartilhe que recebeu a revista nos Storys do Instagram e marca a gente! @o_odisseu



Nos envie um PIX de qualquer valor e contribua financeiramente! Chave: revistaoodisseu@gmail.com / Ewerton Cardoso Morais

Conheça nossa campanha no Apoia-se e contribua mensalmente com valores entre R\$ 5 e R\$20! apoia.se/revistaoodisseu

APOIA.se



O que há em nós é sobretudo cansaço

Caio Paiva Ribeiro -
Editor e Colunista

Ilustração de Cristiane Alvarenga
@abstratas_cristianealvarenga

"Oculto retêm os deuses o vital para os homens; senão comodamente em um só dia trabalharias para teres por um ano, podendo em ócio ficar; acima da fumaça logo o leme alojarias, trabalhos de bois e incansáveis mulas se perderiam. Mas Zeus encolerizado em suas entranhas ocultou, pois foi logrado por Prometeu de curvo tramar; por isso para os homens tramou tristes pesares: ocultou o fogo. [...]"

Hesíodo, Os Trabalhos e os Dias

A experiência do cansaço é uma de avassaladora e muitas vezes aviltante insignificância. Avassaladora, porque nos arrasta na direção contrária ao que a inércia do cotidiano imperiosamente nos demanda em direção a algum subterfúgio ou esconderijo — obsequiosamente em busca de um abrigo, no qual se possa repousar; aviltante, pois parece ser um insulto à vitalidade que outrora nos inundara e impelira a completar as mais nobres e importantes tarefas, desenvolver os mais brilhantes e geniais projetos, arquitetar as mais belas obras e diligentemente construir os mais sólidos edifícios metafóricos (ou não).

A insignificância aqui tratada diz respeito, portanto, à insignificância de nós mesmos: à nossa própria pequenez que passa a emanar de todos os nossos poros no momento em que defrontamos esse cruel

senhor cujo nome é Cansaço — o mestre dos procrastinantes ardis e amo das demais paixões que são obrigadas a curvar-se ante sua opressora presença. Dilacerados e completamente obliterados pelo seu jugo esterilizante, não há que fazer senão prostrar-se — bons servos que somos — à majestade e celebridade desse magnífico e maquiavélico monarca. O Cansaço (sabe-se muito bem) já tem todos os dados na mão e todas as cartas na manga antes mesmo de definidas as regras do jogo: após rodada a roleta da sorte, não existe chance de vitória em um embate que contra ele se deseje travar.

Por outro lado, também se porta essa mesmíssima insignificância ao mundo que nos circunda e tudo quanto nele há, porquanto se tornam minúsculas e mínimas as potencialidades que nele outrora enxergávamos no exato momento em que nos alcança — nessa que é a maratona da qual não nos candidatamos a participar — Ele-que-todas-as-paixões-governa. Tão grande é sua influência e imanência, que será então sempre cedo ou tarde demais para decidir ir de encontro aos chamados que recebemos lá de fora — tarde demais para se aventurar; cedo demais para se recolher.

Disto é possível afirmar que, assim como Lacan classificou uma vez a angústia como o afeto que não engana, não se pode ter ressalvas ou mesmo escrúpulos ao afirmar que o cansaço nada mais é que o afeto que não tarda: é ele que organiza toda a festa e, portanto, antecede-nos e também nos sucede na genealogia do sofrimento.

Caio Paiva Ribeiro
Editor e Colunista

Por isso, canta o Poeta:

O que há em mim é sobretudo cansaço —

Não disto nem daquilo,

Nem sequer de tudo ou de nada:

Cansaço assim mesmo, ele mesmo,

Cansaço.

A sutileza das sensações inúteis,

As paixões violentas por coisa nenhuma,

Os amores intensos por o suposto em alguém,

Essas coisas todas —

Essas e o que falta nelas eternamente —;

Tudo isso faz um cansaço,

Este cansaço,

Cansaço.

E quando estas palavras profere — é que já percebeu e cristalizou em sua poesia o fundamentalmente estranho e alienante nexa (ou ausência dele) que há entre o mundo e o cansaço: não é possível do cansaço dizer suas causas, visto que é — como já postulamos — anterior e posterior a todo o resto: todas as paixões são suas reféns; todas habilidades e potencialidades humanas tornam-se suas obedientes servas — não conhecem fim, por esta razão, os seus distorcidos e corrompidos caprichos, os quais devemos incessantemente buscar saciar a fim de não ser esmagados por baixo da estrondosa inescapabilidade de seu corpo invisível e intangível. Isso apenas significa que, ao mesmo tempo que ouvimos todos os dias serem contadas sagas e epopeias, nas quais os heróis — incansáveis e destemidos guerreiros — não são capazes de descansar em face da profundidade e agudez de sua resolução e determinação, conhecemos com constrangedora e inegável intimidade toda a força daquela onda de exaustão que nos arrasta em direção ao repouso, logo depois de ter erguido o lápis e levado-o ao papel por alguns instantes ou mesmo simplesmente aberto os olhos e levantado-se pela manhã

após ter ouvido o alarme de todo dia, mas também o frenesi incessante daqueles momentos nos quais parecemos nos tornar ao cansaço impermeáveis. Não sejamos, porém, ingênuos: se fazemos ou deixamos de fazer algo é justamente porque nosso senhor permitiu que o fizéssemos e sabe muito bem que, dentro de alguns instantes, voltaremos a lealmente servi-lo sem demora alguma: basta estalar os dedos para que estejamos mais uma vez sob seu domínio e tutela.

Não é à toa que o poeta em sua lírica declara manifestamente:

Há sem dúvida quem ame o infinito,

Há sem dúvida quem deseje o impossível,

Há sem dúvida quem não queira nada —

Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:

Porque eu amo infinitamente o finito,

Porque eu desejo impossivelmente o possível,

Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,

Ou até se não puder ser...

A denúncia é — como se vê — direcionada a uma posição que é aqui rebaixada à condição de idealismo (doutrina que outrora já foi detentora de notória e incontestada celebridade). Esses tolos inconsoláveis creem, pois, no concebível, porém inexecutável estado de coisas em que seria possível justamente desse senhor se alforriar, de escapar de suas garras, sair de dentro do alcance de sua influência, atingir de uma vez por todas uma tal circunstância em que dele não fosse mais possível padecer. Eis a origem de sua crescente insatisfação: não enxergam que para sair do domínio de um é necessário antes de mais nada se colocar sobre a égide de um outro amo. É por esta razão que ao deixar o reino em que o cansaço outorga e revoga seus tirânicos decretos, adentra-se imediatamente no âmbito daquilo que é de uma morosa e incorruptível paciência, onde a lentidão atropela qualquer anseio e freia qualquer desejo ou vontade: o tédio — esse persistente déspota em constante decadência — que toma para si estes infelizes e os põe sob o efeito de seus acolhedores encantos. A sua mais nova prisão é agora aquilo que, segundo o que em seu íntimo julgavam, seria a mais pura e inexpugnável fonte de liberdade: a negação da vida enquanto o que ela é em prol do que ela poderia, deveria, conseguiria ser. É trafegando nessas vias então que se perdem em seus próprios desejos, seus próprios amores, suas próprias ambições:— no labirinto da improfícua sanha de atingir o inatingível que os trouxe até ali.

O tédio nada mais é — enquanto produto e expressão dessa falta a si mesmo imposta — que o estado que nunca se concluiu, o momento que nunca acaba, o intervalo de tempo interminável do qual não acharemos jamais escapatória.

Caio Paiva Ribeiro
Editor e Colunista

Mas se escreve Álvaro de Campos sobretudo sobre tudo, isto é, se escreve sobre o finito e o possível, não é capaz de ir além ao que as palavras lho permitem dizer e, portanto, não é capaz também de almejar a plenitude daquilo que está no Além, na Eternidade, no Suprassensível. O que lhe resta então é o paradoxo de ter de fazer caber cá dentro desses parcos limiares as coisas que não têm limite algum, de tornar impossível para si mesmo o que é perfeitamente realizável, de abarcar numa só palavra o que dela mesmo escapa no momento que se a diz... Esse paradoxo é a mais pura expressão do que aqui tratamos: ele é o próprio cansaço — este sendo, ele mesmo, ruína e pressuposto de sua própria existência; sua fraqueza é a sua força e sua total inépcia em conquistar qualquer coisa é prova cabal de sua suprema potência, fato que leva este heterônimo de Fernando Pessoa a concluir silogisticamente seu poema com uma última estrofe que se sucede às três anteriores:

E o resultado?

Para eles a vida vivida ou sonhada,

Para eles o sonho sonhado ou vivido,

Para eles a média entre tudo e nada, isto é, isto...

Para mim só um grande e profundo,

E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,

Um supremíssimo cansaço,

Íssimo, íssimo, íssimo,

Cansaço...

Fica a partir daí a conclusão que chega após todo o trajeto que percorre sua argumentação no interior de sua lírica: a constatação de um abismo — exatamente aquele que se estende entre os que estão no cansaço e aqueles que se desviaram em direção ao tédio. Ao passo que aqueles que no interior deste último se encontram só retiram de suas ambições idealistas e irrealizáveis uma vida (que pode ser vivida ou sonhada) ou um sonho (que pode ser sonhado ou vivido) que nada mais faz que ser uma média entre tudo e nada — coisa reles que só pode receber o nome de “isto”; é na exaustiva sensação do cansaço

que essa ostensivamente indiferente experiência se transforma numa superlativa felicidade, onde a sua paradoxal infecundidade garante a sua supremacia vitalícia:— o que aqui vemos é o limitante cansaço, que esteriliza e infertiliza, ser a única escapatória ao infundável tédio, este inesgotável produtor e fabricante de indiferenças, o triunfo do “eu” submerso no cansaço proveniente do virulento envolvimento e comprometimento com as coisas sobre o “eles”, i.e., o total alheamento à pequenez e a insignificância da vida, que faz cair na completa medianidade fenomênica do idealismo tacanho e barato.

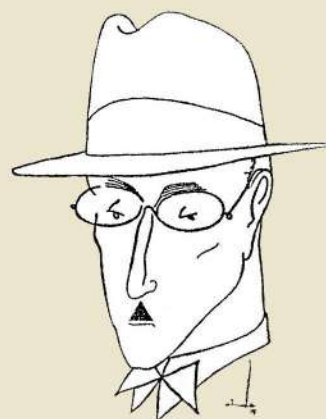
Talvez seja apenas através de um antigo e igualmente paradoxal provérbio grego que consigamos nos aproximar da lição que nos traz Álvaro neste lacônico (uma fuga a seu habitual verborragismo) e em igual medida enigmático poema. Quando diziam, pois, os gregos que “a parte vale mais que o todo” nada mais tinham em mente que essa fundamental relação contraditória entre aquilo que se deseja obter e aquilo que de fato é possível atingir. Na Grécia de outrora (e ainda em outros momentos da Antiguidade que a este se seguem), o sentido tomado pela frase possui decididamente cunho moral e se alinha à máxima inscrita no templo de Delfos “NADA EM EXCESSO”; em vista desse princípio, não se deve buscar obter para si coisa além daquilo que lhe é devido, de modo a não permitir que aquilo que foi perfeitamente posto pela Divindade em equilíbrio, desmorone oprobriosamente em miséria que venha assolar a todos que desta fina estabilidade dependem para materialmente se sustentar:— um claro combate à ganância, à cobiça e à inveja.

Contudo, é-nos facultado, segundo julgo, seguir por uma outra via ao interpretar este mesmo provérbio. Ao pensarmos nele em sua dimensão não moral, mas sim ontológica, começamos a perceber que o que realmente está sendo operado em seu interior é uma rejeição a uma compreensão quantitativa dos fenômenos, pois — dado que estamos mais que habituados em pensar as coisas abstraído de suas diferenças essenciais — o que em nossa era se opera é a fabricação, uma verdadeira aversão à ideia de que cada coisa possui seu próprio valor intrínseco e inalienável. Exemplo disso é nossa compreensão hodierna do trabalho, a qual, pautada num franco princípio de aumento perene da produtividade, reduz-o à quantidade de valor que esta mesma produção nos é capaz de gerar dinheiro — o

o quantificador por excelência de tudo quanto há. Ora, nós sabemos que do que aqui se trata é justamente o valor de troca desse produto gerado que, ao desprezar-se por completo suas qualidades essenciais e singularíssimas por excelência (aquilo que constitui o seu valor de uso), vira nesse instante mercadoria.

Assim, é evidente que associemos o cansaço diretamente ao trabalho, uma vez que — em nosso sanha quantificadora e metrificadora dos fenômenos — desejamos quantificar até ele mesmo que é tão nosso senhor quanto é paradoxalmente nosso servo: precisamos nas contemporâneas rodas de Santa Catarina a que chamamos "relógios" situar e restringir em determinados intervalos de tempo períodos de "descanso", onde o cansaço possa exercer momentaneamente sua autoridade e domínio. No entanto, devido à sua anterioridade e supremacia, não seremos nós ou mesmo nosso claustrofílico cotidiano que postulará os ditames para o cansaço: esse senhor da vida faz para si seu próprio tempo, seu próprio espaço, sua própria lei, seu próprio desejo. Por isso, somos nós que vivemos no cansaço e não o contrário: é assim seu modo de nos habitar; e a tentativa de expulsá-lo é tão somente uma forma de garantir uma passagem só de ida para o país do tédio, onde sempre tarda o desejo a se realizar e a verdade a ser encontrada.

É, portanto, não no trabalho ou no esforço que o Cansaço alicerça seus fundamentos, mas sim na materialidade nua e crua da vida e todas suas carências:— "Essas coisas todas —/ Essas e o que falta nelas eternamente —". Do que se trata aqui não é combatê-lo, mas sim aceitá-lo e compreendê-lo em suas inserções mais profundas na experiência do cotidiano — para que não o rechacemos com ódio ou desprezo, mas o convidemos juntamente com sua grandeza infecunda de braços abertos e munidos de uma felicidade sem tamanho. Para que digamos expressa e abertamente uma verdade que há tanto nos incomoda, mas da qual não deveríamos jamais nos envergonhar: o que há em nós é sobretudo cansaço...



Caricatura do poeta Fernando Pessoa por Almada Negreiros



Ilustração de Franz Kafka. Disponível em:
<https://autoresmodernos.wordpress.com/2013/06/05/desenhos-de-kafka/>

Kafka à beira da Modernidade

Paulo Zan - Autor Convidado

Desista, desista!, diz a figura de autoridade. E a obra kafkiana parece nos levar justamente para a boa e velha compreensão de que “há esperanças, mas não para nós”. Talvez seja a chegada da modernidade de modo mais intenso, um percurso literário e social que o próprio autor vivenciou. Ou talvez seja simplesmente um mal-estar na cultura, entendido aqui como um sentimento compartilhado de derrota.

O conto “Desista!”, que compõem as Narrativas do espólio, aparece como uma síntese suprema do sentimento de desamparo ao qual a obra kafkiana parece imersa e leva seus leitores a vivenciar esse estado patológico (no sentido do pathos). Na história, um funcionário confronta seu relógio com o da torre e percebe estar mais atrasado do que pressupunha. A caminho da ferrovia, e ainda sem conhecer bem a cidade, suas esperanças se depositam num guarda que encontra, ao qual ele interpela em busca do caminho. O guarda, navalha na ponta da língua, questiona

de volta: “— De mim você quer saber o caminho?” (Kafka, 2002, p. 145), numa sutileza extrema, a ponto do funcionário ainda responder que “sim”, já que ele sozinho não podia encontrá-lo. Eis que o guarda desmancha as esperanças do rapaz com um “— Desista, desista —” (idem), e sai com seu riso solitário.

As figuras de autoridade na obra de Kafka parecem sempre dispostas a negar a seus assujeitados qualquer possibilidade de saída. O guarda n’O processo faz com que aquele que espera por entrar na porta da lei nem ao menos tente, e isso sem se esforçar muito. Não há chances de se defender da máquina na Colônia penal, uma vez que, “a culpa é sempre indubitável” (Kafka, 2011, p. 72). Assim como não há possibilidade de escapar de um processo, de uma acusação. A acusação basta, e o julgamento é certo. Um pouco assustador, talvez, mas se apresenta como uma marca não só da obra de Kafka como da modernidade.

Modernidade e burocracia e, forçando um pouco a partir da obra do poeta de Praga, modernidade e punição parecem ser faces de uma moeda. Milan Kundera nos conta que o artilheiro da obra de Kafka é tanto, e nesse ponto ele compara com a obra de Dostoiévski, que o próprio personagem sai à procura de uma culpa. Se em Dostoiévski temos personagens culpados buscando uma punição, em Kafka uma máquina de autoculpabilização é posta em jogo, uma vez que estes estão sempre correndo para uma ratoeira no fim do corredor.

Diante da lei, como bem soube reelaborar esse quadro o cineasta Orson Welles, o personagem kafkiano encontra-se diminuto. Há sempre algo muito grandioso nas aparências, o que não significa que o seja na realidade, uma vez que os tribunais existem nos sótãos, que um único sujeito e uma máquina se colocam como barreira para a novidade, uma vez que a burocracia, a punição, a justiça, etc., são feitas por mãos humanas, mesmo que por vezes essas mãos de carrasco se pareçam demais com mãos divinas.

A palavra é a lei. E não há resistência. Pode haver, quando muito, uma busca pelo sentido, pois, uma vez que ainda estamos aqui, parece ser essa a nossa única possibilidade. No entanto, atrás das portas a que nos colocamos diante, deve haver mais portas e ainda mais portas, e, quem sabe?, portas infinitas? Esse tipo de pensamento parece sempre se colocar como uma barreira, como uma impossibilidade e, assim, faz com que a

palavra, que já é lei, exerça a sua essência. Desistir, então.

Lendo a obra de Kafka, principalmente Na colônia penal, sou levado a me questionar “quem opera a máquina?”.

A modernidade faz com que sejamos sujeitos num duplo sentido: num sentido ativo, onde nós agimos e subjulgamos o outro; e num sentido passivo, onde somos o próprio inferno.

Paulo Zan
Autor Convidado

Isso me leva a pensar que, como num filme, todo mundo é protagonista da própria história, porém, da História, se estamos numa, somos sempre (ou quase sempre) figurantes, pequenos demais e, ao mesmo tempo, conseguimos criar as máquinas, sejam elas literais (como os mecanismos de tortura) ou simbólicas (como o “capital”), ou mesmo aquelas que conseguem ser as duas coisas, as máquinas literárias, como as de Kafka.

Em O veredicto, o personagem Georg, diante da sentença dada pelo pai, “deixa-se cair no rio”. O narrador d’A metamorfose desloca a sua luz para a família, aquela que, segundo Adorno, aniquila o indivíduo. Josef K., talvez um dos mais “resistentes” personagens kafkianos, deixa, “como um cão”, com que seus carrascos cumpram aquilo que lhes é de ofício. E assim segue em muitas narrativas de Franz Kafka. Porém, por mais trágica que seja a cena, na obra Na colônia penal, aceitando enfim o que se desenha diante dele, o oficial usa o próprio corpo como instrumento de derrocada de um sistema. Pode não haver esperança alguma, bem como pode haver, na própria desistência, alguma sorte de esperança. Resta-nos descobrir se para nós ou se para outros.

Kafka não é conselheiro de ninguém. Se temos hoje obras como O processo, por exemplo, é por pura desobediência do seu amigo Max Brod. No entanto, se este sujeito que anotou certa tarde de natação em seus diários, enquanto começava a guerra, nos quisesse dizer alguma coisa sobre a modernidade talvez fosse justamente aquilo que (não?) queremos ouvir:

Desista!

Conheça o autor convidado!



@escritorpaulozan

Paulo Zan é o nome artístico de Paulo Freire, licenciado em Filosofia e mestrando em Literatura e Cultura pela UFBA. Já publicou os contos: “Clube dos suicidas”, pela Antologia do Pacote de Textos (Org. Rafael Caneca, 2021) e “Ossos do Ofício”, pela Acaso literário Vol. 1 (Org. Simone Campos, 2021). Além disso, publicou um o livro de contos Linha tênue (Margem, 2022).



Reprodução de obra Sem Título de René Magritte

O lixão da minha rua e o materialismo

P.P - Autor Convidado

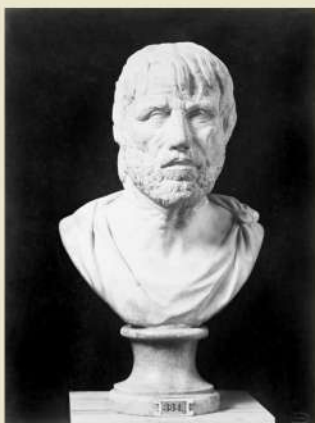
Desde que aprendi a conhecer o mundo e suas formas, havia uma espécie de pequeno lixão, quero dizer, um amontoado de lixo na minha rua que além de ter tomado toda a calçada, ameaçava a segurança dos pedestres no ato de contornar o amontoado. Não era precisamente na minha rua, estava situado na única via de saída para o centro, portanto, fatalmente passava por lá quase todo os dias. Além do odor de enxofre, os imóveis adjacentes também sofriam com a desvalorização. Sinceramente, sempre achei que o descaso da prefeitura com relação às áreas periféricas tornaria o problema crônico, onipresente na história do Bairro. No entanto, -- talvez por uma ação da própria prefeitura ou uma ação conjunta da comunidade – uma grande caçamba se pôs a retirar todo o lixo; não foi operação única, alguns dias foram necessários para total remoção, além do lixo em si, os contêineres de ferro cheios até a boca de sacos apodrecidos e outros resíduos foram removidos. A passagem estava finalmente limpa e areada, o único cheiro pertencia ao próprio ambiente e onde outrora se instalara o lixão havia plantas enraizadas em pneus com terra – aparentemente um pedido de desculpa da prefeitura por ter permitido essa situação.

Para o horror dos incautos, um mês depois já se observava um pequena quantidade de lixo acotovelando as plantas.

Três meses depois, o antigo lixão reencarnou para assombrar as adjacências novamente. -- E sua segunda forma é pior que a primeira. A ausência dos contêineres acabou por incapacitar a concentração de lixo de modo que não só a calçada está completamente tomada, mas também metade da via direita. Para o malogro dos vizinhos, a prefeitura, certamente, não fará o mesmo trabalho duas vezes e deve relegar aos próprios moradores o poder de ação.

Vamos nos abreviar, saltemos à conclusão mais simples: se mil vezes a prefeitura tirasse o montão, por mil vezes o montão se reanimaria. Será que o aglomerado advém da brejeirice e deseducação de uns poucos vizinhos um tanto sórdidos? Em maior ou menor proporção, seres humanos assim sempre existirão e não serão eles a causa do desmoronamento da higiene pública. A resposta parece estar alhures. Fatalmente, a origem deste problema não reside em explicações inefáveis a respeito da psique humana, mas – nas condições e forças materiais. Acontece que ao lado do lixão se instalara um condomínio que não possui nenhuma forma de alocação de lixo senão a rua vizinha, bem como os moradores que se sentem estimulados a depositar seus resíduos ali pela falta de rotatividade dos caminhões de lixo que, ou recolhem poucas vezes o lixo, ou ignoram completamente uma região, obrigando-os a concentrar os dejetos. Não estamos tentando diluir por completo a responsabilidade moral nas forças materiais, mas, é bem verdade, que se o problema fosse única e exclusivamente moral, a situação estaria por muito menos acentuada e estes poucos que indivíduos desviantes seriam de súbito reprimidos pelos próprios moradores.

Assim, é necessário nuançar isto: as forças materiais nutrem e engendram a vida naquele lixão. E enquanto o município não tratar de extingui-las, continuará enchendo um tanque que vaza. Por vezes, aqueles que tem poder de ação tem noção dessa análise tão trivial, e, ainda assim, preferem “cortar a unha” do problema para que o benemérito recaia sobre eles.



Escultura do filósofo Sêneca. Foto: Everett Historical / Shutterstock.com

Uma Ode ao Ócio

Raique Lucas de J. Correia
Colunista

Desde os gregos, o tempo e a forma como o utilizamos têm sido objeto de reflexão e questionamento. Sêneca nos ensina, por exemplo, que o tempo é o bem mais valioso que o homem possui e adverte sobre a importância de utilizá-lo de maneira sábia e consciente. Ele nos alerta para a brevidade da vida e para a impermanência de todas as coisas, convidando-nos a não desperdiçar nosso tempo e a valorizá-lo acima de tudo. Embora as lições de Sêneca nos sejam ainda valiosas e, mesmo hoje, surpreendentemente válidas, é preciso avançar para uma leitura crítica do tempo na contemporaneidade que leve em conta as transformações sociais, tecnológicas e culturais que ocorreram com o capitalismo moderno e com a globalização.

O sistema capitalista incentiva uma mentalidade voltada para a produtividade, o consumo e o acúmulo de riquezas, o que leva a uma exploração desenfreada do tempo em prol do trabalho e da acumulação material.

Raique Lucas de J. Correia
Colunista

Além disso, a lógica capitalista nos impulsiona a medir nosso valor pelo que produzimos e pelo quantum de tempo que dedicamos a atividades produtivas. Isso resulta

em uma obsessão pelo trabalho, pela maximização dos resultados e pelo constante movimento, o que, levado aos últimos fins, pode resultar em colapso mental e físico — ao esgotamento total do nosso corpo e da nossa mente a ponto de não sermos capazes de sentir o nosso próprio pulso (silenciado pelos ecos das fábricas e automóveis), de saber se estamos realmente vivos ou apenas existindo como matéria errante pelo espaço.

A propósito, talvez não exista ideologia mais perversa e mais devastadora em toda história da humanidade do que o “amor ao trabalho”. Essa loucura de que se apossou a classe operária, como escreveu Paul Lafargue em um panfleto socialista do final do século XIX, tem arrastado consigo as mais terríveis misérias individuais e sociais que, há séculos, torturam e consomem até a última gota as forças vitais do indivíduo e da sua genitora. Quando li isso em Lafargue, não pude deixar de recordar de um comentário feito pelo Ferreira Gullar em uma entrevista ao programa televisivo Roda Viva, em que ao ser questionado por um jornalista sobre sua posição política, mesmo não sendo socialista (e menos ainda comunista), disse: “O capitalismo, se deixar pela conta dele, suga até a carótida da mãe”. Chega até a ser curioso que tanto Lafargue, quanto Gullar, evoquem, a partir da figura da mãe/genitora, quase que a mesma metáfora de modo a enfatizar a perversidade desmedida desse sistema, que se pudesse, não se contentaria nem mesmo com a “carótida da mãe”, mas sugaria até a placenta do seu bebê.

Nesse contexto, como nos exorta Lafargue, é preciso reagir contra esse dogma sacrosantificado do trabalho, pelo menos da maneira como ele se apresenta no capitalismo, pois é sobre ele que se sustenta toda exploração, sem a qual, inclusive, a burguesia jamais poderia gozar do tempo livre, das benesses e das trivialidades do ócio que somente a fortuna erguida sobre os ombros calejados do proletariado lhe proporciona. É por isso que Lafargue nos convida, logo na abertura de seu panfleto a exercermos o “direito à preguiça”, valendo-se, para isso, de uma epígrafe do poeta alemão Gotthold Lessing:

“Sejamos preguiçosos em tudo, exceto em amar e em beber, exceto em sermos preguiçosos”.

Gotthold Lessing
Poeta Alemão

Ao tratar desse tema, não há como também deixar de recordar de um dos nossos, Ariano Suassuna, que, em 1960, escreveu aquela que eu considero a sua peça mais genial (mais genial, diria até, do que o seu consagrado *Auto da Compadecida*); me refiro a peça *Farsa da Boa Preguiça*, encenada pela primeira vez em 1961 pelo Teatro Popular do Nordeste (TPN). Além da beleza estética, já que todos os diálogos são construídos em versos rimados, a peça aborda de maneira bem humorada (sem perder o tom satírico, como, aliás, é próprio do teatro suassuniano e também da personalidade do escritor) as várias faces do ócio, desde o ócio criativo do poeta, representado na peça pelo personagem Joaquim Simão, até o ócio hipócrita da burguesia, muito bem representada na peça (cuja caricatura, diante daquilo que conhecemos da nossa burguesia, mais parece um retrato fiel) por Dona Clarabela, esposa do rico Aderaldo Catação, e que vive por aí exalando sua falsa intelectualidade, adornada com palavras difíceis e aquele ar blasé de superioridade que é típico da nossa elite cosmopolita. Daí a diferenciação que é feita de forma excepcional no último ato da peça entre a "preguiça do poeta" e a "preguiça da elite": "Há um ócio criador / há outro ócio danado / há uma preguiça com asas, outra com chifres e rabo! / Há uma preguiça de Deus, e outra preguiça do Diabo!"

Evidentemente, é ao ócio criativo (ou a "preguiça de Deus", como refere Suassuna) que dedicamos nossa ode, em busca daquela síntese, conforme proposto pelo sociólogo italiano Domenico De Masi, em que trabalho, estudo e jogo coincidem, permitindo ao espírito humano aflorar sua criatividade e competências, isto é, deixar o homem livre e desimpedido para realização daquelas atividades que realmente o dignificam, liberado dos grilhões do trabalho inautêntico, da exploração e da alienação capitalistas. Como escreveu Ariano Suassuna:

"[...] o único verdadeiro objetivo do Trabalho é a Preguiça que ele proporciona depois, e na qual podemos nos entregar à alegria do único trabalho verdadeiramente digno, o trabalho criador, livre e gratuito".

Ariano Suassuna
Escritor Brasileiro

Que se proclamem, portanto, os Direitos da Preguiça, direitos que, como diz Lafargue, são mais nobres e sagrados do que os típicos Direitos do Homem. Para tanto, uni-vos trabalhadoras e trabalhadores do mundo; uni-vos em torno de vosso próprio ócio, de modo a apropriar-vos não apenas daquilo que vossa força de trabalho produziu, mas, fundamentalmente, da preguiça que o capitalismo transformou em propriedade privada (ou antes, privativa da classe dominante). Que possamos avançar a esse estágio do progresso humano, como destino finalístico para o qual caminha a humanidade desde sempre, e ao qual já haveríamos de ter alcançado, não fosse essa pedra do capitalismo no meio do caminho. "No meio do caminho tinha uma pedra... Tinha uma pedra no meio do caminho...", não sabia Carlos Drummond de Andrade que essa pedra seria um obstáculo até hoje em nosso caminho. E que obstáculo!

Porém, não nos resignemos! Por acaso, haveríamos de nos esquecer do que disse o próprio Cristo? "Olhem os lírios do campo, que não trabalham nem tecem! E, contudo, nem Salomão em toda a sua glória se vestiu tão bem como eles. E se Deus veste a erva do campo, que hoje é viçosa e amanhã é lançada no fogo, não acham que vos dará também o necessário, almas com tão pouca fé? E não se preocupem com o que comer e o que beber; que isso não vos cause ansiedade. Os gentios é que se afadigam com estas coisas, mas o vosso Pai sabe perfeitamente que precisam delas" – Lucas 12:27-30. Se o capitalismo buscou realizar o inferno na Terra (e conseguiu), façamos o contrário: recriemos aqui, mesmo que de forma provisória, o nosso paraíso (até de fato alcançarmos aquele que nos aguarda na eternidade). Só assim poderemos, efetivamente, por justo e legítimo, desfrutar da boa preguiça como Deus quer. Sem o diabo, é claro!

*Um super
agradecimento
aos nossos
apoiadores!*

Aline Félix
Aline Braga
Jhanade e
Gisele!



Ilustração de Franz Kafka
Disponível em:
<https://autoresmodernos.files.wordpress.com/2013/06/kafka.jpg>

Expediente

Volume II: Edição 012/ Agosto de 2023: As Representações do Cansaço na Literatura

Direção de conteúdo:

Aline Félix, Caio Paiva Ribeiro, Ewerton Ulysses Cardoso, Pedro Henrique Rodrigues

Revisão e Preparação do Texto:

Aline Félix, Caio Paiva Ribeiro, Ewerton Ulysses Cardoso, Pedro Henrique Rodrigues

Diagramação:

Ewerton Ulysses Cardoso

Arte de Capa (Releitura da obra "Os Operários de Tarsila do Amaral):

Maicon Aquino (@aquinart)

www.oodisseu.com.br